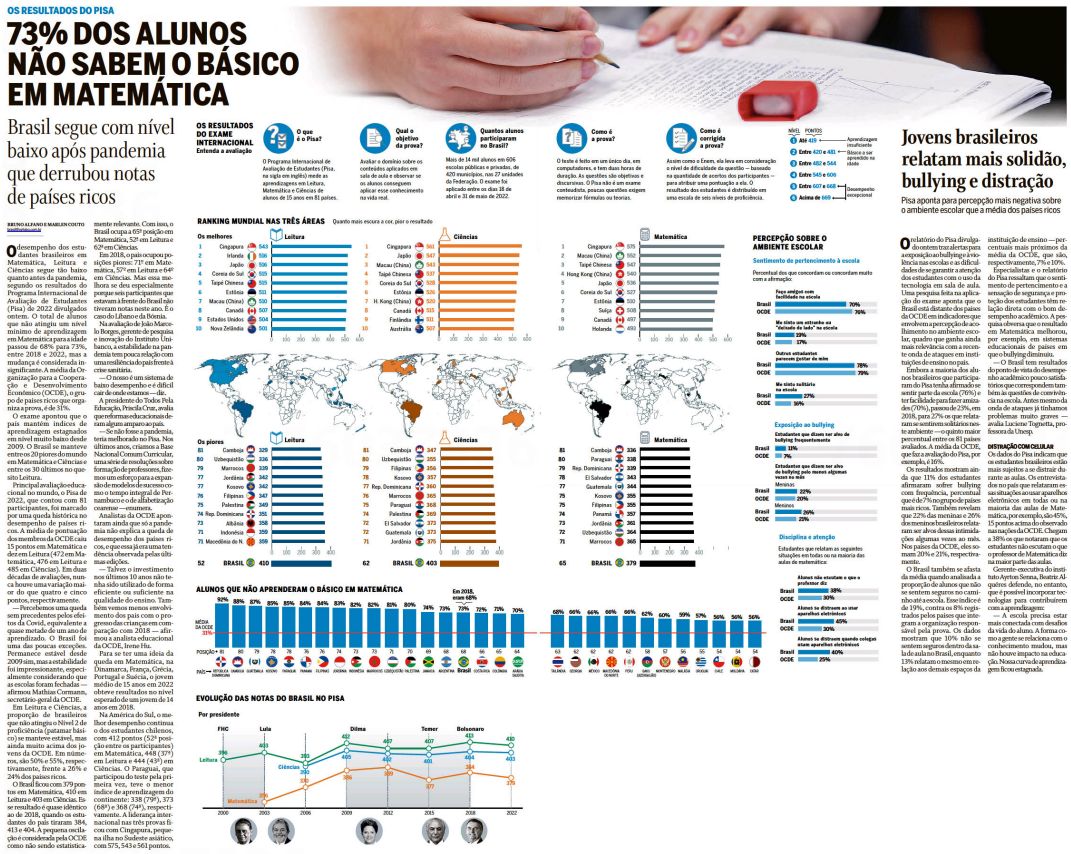
O GLOBO
Publicado em 06/12/2023 - 05:57

Brasil fica abaixo do básico em números, letras e ciência



OS RESULTADOS DO PISA

73% DOS ALUNOS NÃO SABEM O BÁSICO EM MATEMÁTICA

Brasil segue com nível baixo após pandemia que derrubou notas de países ricos

BRUNO ALFANO E MARLEN COUTO

O desempenho dos estudantes brasileiros em Matemática, Leitura e Ciências segue tão baixo quanto antes da pandemia, segundo os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) de 2022 divulgados ontem. O total de alunos que não atingiu um nível mínimo de aprendizagem em Matemática para a idade passou de 68% para 73%, entre 2018 e 2022, mas a mudança é considerada insignificante. A média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o grupo de países ricos que organiza a prova, é de 31%.

O exame apontou que o país mantém índices de aprendizagem estagnados em nível muito baixo desde 2009. O Brasil se manteve entre os 20 piores do mundo em Matemática e Ciências e entre os 30 últimos no quesito Leitura.

Principal avaliação educacional no mundo, o Pisa de 2022, que contou com 81 participantes, foi marcado por uma queda histórica no desempenho de países ricos. A média de pontuação dos membros da OCDE caiu 15 pontos em Matemática e deu em Leitura (472 em Matemática, 476 em Leitura e 485 em Ciências). Em duas décadas de avaliações, nunca houve uma variação maior do que quatro e cinco pontos, respectivamente.

— Percebemos uma queda sem precedentes pelos efeitos da Covid, equivalente a quase metade de um ano de aprendizado. O Brasil foi uma das poucas exceções. Permanece estável desde 2009 sim, mas a estabilidade foi impressionante, especialmente considerando que as escolas foram fechadas — afirmou Mathias Cormann, secretário-geral da OCDE.

Em Leitura e Ciências, a proporção de brasileiros que não atingiu o Nível 2 de proficiência (patamar básico) se manteve estável, mas ainda muito acima dos jovens da OCDE. Em números, são 50% e 55%, respectivamente, frente a 26% e 24% dos países ricos.

O Brasil ficou com 379 pontos em Matemática, 410 em Leitura e 403 em Ciências. Esse resultado é quase idêntico ao de 2018, quando os estudantes do país tiraram 384, 413 e 404. A pequena redução é considerada pela OCDE como não sendo estatisticamente relevante. Com isso, o Brasil ocupa a 65ª posição em Matemática, 52ª em Leitura e 62ª em Ciências.

Em 2018, o país ocupou posições piores: 71º em Matemática, 57º em Leitura e 64º em Ciências. Mas essa melhora se deu especialmente porque seis participantes que estavam à frente do Brasil não tiveram notas neste ano. É o caso do Líbano e da Bósnia.

Na avaliação de João Marcelo Borges, gerente de pesquisa e inovação do Instituto Unibanco, a estabilidade na pandemia tem pouca relação com uma resiliência do país frente à crise sanitária.

— O nosso é um sistema de baixo desempenho e é difícil cair de onde estamos — diz.

A presidente do Todos Pela Educação, Priscila Cruz, avalia que reformas educacionais deram algum amparo ao país.

— Se não fosse a pandemia, teria melhorado no Pisa. Nos últimos anos, criamos a Base Nacional Comum Curricular, uma série de resoluções sobre formação de professores, fizemos um esforço para a expansão de modelos de ensino como o tempo integral de Pernambuco e de alfabetização coerente — enumera.

Analistas da OCDE apontaram ainda que só a pandemia não explica a queda de desempenho dos países ricos, e que essa já era uma tendência observada pelas últimas edições.

— Talvez o investimento nos últimos 10 anos não tenha sido utilizado de forma eficiente ou suficiente na qualidade do ensino. Também vemos menos envolvimento dos pais com o progresso das crianças em comparação com 2018 — afirmou a analista educacional da OCDE, Irene Hu.

Para se ter uma ideia da queda em Matemática, na Dinamarca, França, Grécia, Portugal e Suécia, o jovem médio de 15 anos em 2022 obteve resultados no nível esperado de um jovem de 14 anos em 2018.

Na América do Sul, o melhor desempenho continua o dos estudantes chilenos, com 412 pontos (52ª posição entre os participantes) em Matemática, 448 (37º) em Leitura e 444 (43º) em Ciências. O Paraguai, que participou do teste pela primeira vez, teve o menor índice de aprendizagem do continente: 338 (79º), 373 (68º) e 368 (74º), respectivamente. A liderança internacional nas três provas ficou com Cingapura, pequena ilha no Sudeste asiático, com 575, 543 e 561 pontos.

Jovens brasileiros relatam mais solidão, bullying e distração

Pisa aponta para percepção mais negativa sobre o ambiente escolar que a média dos países ricos

O relatório do Pisa divulgado ontem traz alerta para a ampliação no bullying e violência nas escolas e as dificuldades de se garantir a atenção dos estudantes com o uso da tecnologia em sala de aula. Uma pesquisa feita na aplicação do exame aponta que o Brasil está distante dos países da OCDE em indicadores que envolvem a percepção de acolhimento no ambiente escolar, quadro que ganha ainda mais relevância com a recente onda de ataques em instituições de ensino no país.

Embora a maioria dos alunos brasileiros que participaram do Pisa tenha afirmado se sentir parte da escola (76%) e ter facilidade para fazer amizades (70%), passou de 23%, em 2018, para 27% os que relataram se sentirem solitários no ambiente — o quinto maior percentual entre os 81 países avaliados. A média da OCDE, que foi a avaliação do Pisa, por exemplo, é 16%.

Os resultados mostram ainda que 11% dos estudantes afirmaram sofrer bullying com frequência, percentual que é de 7% no grupo de países mais ricos. Também revelam que 22% das meninas e 20% dos meninos brasileiros relataram ser alvos dessas intimidações algumas vezes ao mês. Nos países da OCDE, eles somam 20% e 21%, respectivamente.

O Brasil também se afasta da média quando analisada a proporção de alunos que não se sentem seguros no caminho até a escola. Esse índice é de 19%, contra os 8% registrados pelos países que integram a organização responsável pela prova. Os dados mostram que 10% não se sentem seguros dentro da sala de aula no Brasil, enquanto 13% relatam o mesmo em relação aos demais espaços da instituição de ensino — percentuais mais próximos da média da OCDE, que são, respectivamente, 7% e 10%.

Especialistas e o relatório do Pisa ressaltam que o sentimento de pertencimento e a sensação de segurança e proteção dos estudantes têm relação direta com o bom desempenho acadêmico. A pesquisa observa que o resultado em Matemática melhorou, por exemplo, em sistemas educacionais de países em que o bullying diminuiu.

— O Brasil tem resultados do ponto de vista do desempenho acadêmico pouco satisfatórios que correspondem também às questões de convivência na escola. Antes mesmo da onda de ataques já tínhamos problemas muito graves — avalia Lucienne Tuguetta, professora da Uneep.

DISTRAÇÃO COM CELULAR

Os dados do Pisa indicam que os estudantes brasileiros estão mais sujeitos a se distrair durante as aulas. Os entrevistados no país que relataram ressaltações acusar aparelhos eletrônicos em todas ou na maioria das aulas de Matemática, por exemplo, são 45%, 15 pontos acima do observado nas nações da OCDE. Chegam a 38% os que notaram que os estudantes não escutam o que o professor de Matemática diz na maior parte das aulas.

Gerente-executiva do Instituto Ayrton Senna, Beatriz Alquéres defende, no entanto, que é possível incorporar tecnologias para contribuírem com a aprendizagem:

— A escola precisa estar mais conectada com desafios da vida do aluno. A forma como a gente se relaciona com o conhecimento mudou, mas não houve impacto na educação. Nossa curva de aprendizagem ficou estagnada.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil **Pagina:** 14 e 15

Copyright © Clipclap 2025.